



Minha distopia particular

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14906225>

Eduardo Aleixo Monteiro¹

A peça curta “Minha distopia particular” é um texto sobre ele mesmo ou sobre a obra de arte em um futuro próximo. Outras versões foram contempladas, em 2017, no Concurso Literário Mário Quintana do Sintrajufe-RS e, em 2022, na antologia “Nos limites do real: contos fantásticos e de ficção científica” do Selo Off Flip.

PERSONAGENS

Filho

Pai

CENÁRIO

Uma casa inteligente

FILHO: E se a literatura não existisse?

PAI: Como assim?

FILHO: Imagine só! Um mundo sem literatura!

PAI: Eu não preciso.

FILHO: Mas eu preciso.

PAI: Em rigor, você não precisa. Você leu 1984, Fahrenheit 451...

FILHO: É diferente.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo, mestre em Teatro, Dança e Performance pela Universidade Estadual de Campinas e doutorando em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades na Universidade de São Paulo. São de sua autoria as peças de teatro “Política da Editora” (Escola Sesc de Ensino Médio, 2015; Gostri, 2018), “Escola de Magistratura” (Ensaios de Teatro, 2017), “Shite e Waki” (Dramaturgia em foco, 2019), “Sentença” (Sesi-SP, 2019; Edufes, 2020, 2021; Red Escénica, 2022), “Interrupção” (Efêmera, 2021, 2022), “Isto não é uma peça de teatro verbatim” (Ensaios de Teatro, 2021; Efêmera, 2022), “Isto não é uma conferência-performance” (Funilaria, 2022) e “Minha distopia particular” (Dramaturgia em foco, 2022). E-mail: eduardoaleixomonteiro@usp.br.

PAI: Por que essa obsessão, aliás?

FILHO: Uma tarefa.

PAI: Que tarefa?

FILHO: Da oficina.

PAI: Pediram para você imaginar um mundo sem literatura?

FILHO: Pediram para eu escrever sobre minha distopia particular.

PAI: O.k.!

FILHO: O que foi?

PAI: Eu não vejo propósito no exercício.

FILHO: Por que não?

PAI: A arte é para ser contemplada. Eu pensei que vocês só lessem nessa oficina.

FILHO: Nós também escrevemos.

PAI: Eu respeito a leitura. Sempre será melhor do que fazer um input. Mas escrever... Vocês estão perseguindo uma coisa que vocês não vão alcançar. Eu não sabia que você era tão pretensioso.

FILHO: Eu não me sinto pretensioso.

PAI: E como você se sente?

FILHO: Ambicioso talvez.

PAI: Talvez?

FILHO: Você nunca quis, sei lá, pintar um quadro?

PAI: Um computador faz isso melhor do que eu.

FILHO: Atuar em uma peça?

PAI: Não. Eu nunca quis

FILHO: E escrever? Você nunca quis escrever?

PAI: Quando eu tinha a sua idade, existia uma coisa chamada cauda longa.

FILHO: Eu já fiz esse input.

PAI: E, por causa dela, existiam mais escritores do que leitores.

FILHO: Você está interpretando.

PAI: Quando nós começamos a fazer inputs, todos nos tornamos leitores. De tudo. Livros. Equações. Diagramas. Todas as informações que já possuímos. E finalmente nos demos conta da nossa mediocridade. E finalmente desistimos de ser artistas.

FILHO: Eu discordo.

PAI: Quantos artistas você conhece?

FILHO: O meu professor.

PAI: Da oficina?

FILHO: Sim.

PAI: O seu professor não é artista. A obra de arte sempre será uma contracriação, um desafio a tudo que já foi criado, uma aposta de que ainda há algo a ser dito.

FILHO: Sempre haverá algo a ser dito.

PAI: Não existe artista contemporâneo. Ou melhor, o artista contemporâneo é um dj, ele copia e cola, apenas isso.

FILHO: Não é bem assim. Quando um dj cria um set...

PAI: Preste atenção. Não há input para o que eu estou-lhe dizendo.

FILHO: Então é porque você está inventando.

PAI: Eu não estou inventando.

FILHO: Então você está criando a partir de algo que já existe, como o dj.

PAI: Nada impede a regeneração do dado. A obra de arte pode ser um exercício de memória ou renovação. Em uma palavra...

FILHO: Paródia?

PAI: Pastiche.

FILHO: Então o dj faz pastiche?

PAI: O dj copia e cola. Shakespeare fazia pastiche.

FILHO: Você é muito saudosista.

PAI: Quando eu tinha a sua idade, as pessoas ou se recolhiam, ou se divertiam perante uma obra de arte. As pessoas ou eram consumidas pelas obras que exigiam recolhimento, ou consumiam as obras que proporcionavam diversão.

FILHO: O mundo não mudou tanto assim.

PAI: Com a diminuição do recolhimento, o espírito crítico e o gozo se confundiram. Eu assisti ao triunfo de uma arte desestetizada que massificou o gosto.

FILHO: Você nem parece crítico de arte.

PAI: E como se parece um crítico de arte?

FILHO: Sei lá. Boina, óculos, cigarros, livro de bolso...

PAI: Quem está interpretando agora?

FILHO: Eu tenho mais orgulho da sua profissão do que você.

PAI: Do que eu deveria ter orgulho? De haver usado a minha cota de inputs com história da arte?

FILHO: Sim. Você poderia ter usado com qualquer outra coisa e usou com história da arte.

PAI: Por sinal, você decidiu com o que vai usar a sua cota?

FILHO: Nós não perdemos a nossa capacidade de invenção.

PAI: Você escreveu enquanto a gente conversava...

FILHO: Eu queria a sua opinião.

PAI: Por quê?

FILHO: Porque ela é importante para mim.

PAI: Eu leio.

FILHO: Eu já preparei o input.

PAI: Eu não vou fazer um input. Imprima.

FILHO: Em papel?

FIM

Submetido em: 17 ago. 2022

Aprovado em: 08 dez. 2022